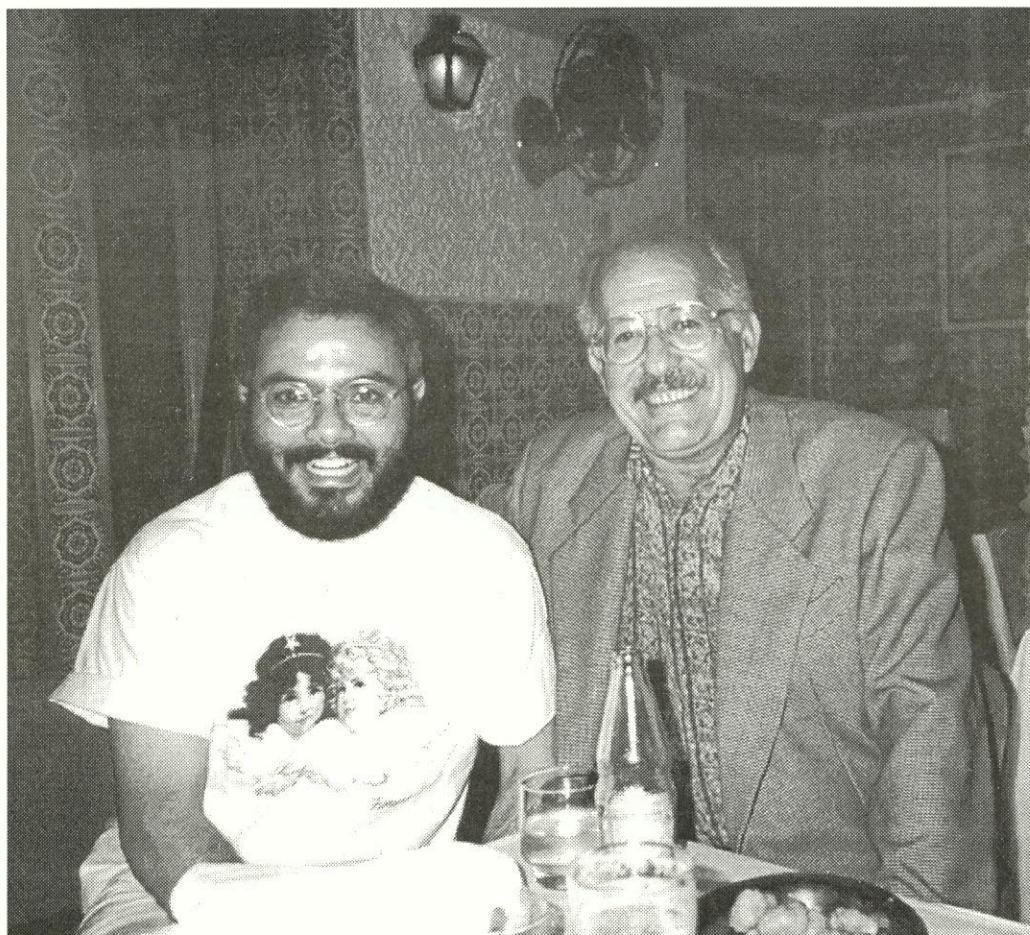




Silviano Santiago com Francisco Caetano Lopes Jr. (Década de 90)

PARTE 6 – ENTREVISTA SILVIANO SANTIAGO

SILVIANO SANTIAGO

Cláudia Chalita*

P.: *O Sr. é considerado um mineiro mais fiel que os outros, pois Minas, além de berço de nascimento, é um lugar a que volta sempre, segundo depoimentos do livro **Navegar é preciso, viver**. Este retorno não representa apenas um regresso a sua terra mas também a disposição de relembra-la, reescrevê-la. Prova recente disto é o fato de no centenário de Belo Horizonte o Sr. anunciar o projeto de um livro sobre a cidade. Será um livro memorialista ou uma obra ficcional?*

R.: Existe um mito das minas que não é válido para os gerais. O mito, falso na sua abrangência, diz que o mineiro vive isolado, em vales cercados de montanhas, com a vista cerceada pelos horizontes fechados. Quando vê o mar, arrepia caminho, pensa que está diante de uma lagoa grande e conhecida. Resumindo: o mineiro é sedentário. Quando muito, a imaginação do mineiro é que é uma bota de sete léguas. O bovarysismo é o seu forte. No tocante a esse mito, estou mais para o mito dos gerais do que para o das minas.

Gosto de uma curta passagem das memórias de Murilo Mendes. Ele nos diz que, ainda em Juiz de Fora, subia até o alto do morro do Imperador para soltar papagaios. Acrescento que era um modo de ele se desligar do aquém para se comunicar com o além. São muitas as formas do além. Por causa de coqueluche, menino fui obrigado a subir diariamente o morro da Caixa d'água em Formiga. Do alto, dava as costas para o casario branco, cortado ao meio pelo rio lá embaixo, para sentir como o horizonte se abria à maneira do que acontecia nos filmes bíblicos, contaminando a minha imaginação com o gosto pelo desconhecido. Resumindo: o mineiro é nômade.

Disse que estou mais para os gerais do que para as minas. É bobagem dizer que o mineiro é e não é. O mineiro é e é. Estar mais, estar menos. Um passo amais, um passo amenos. Questão de peso e de equilíbrio. Sou mineiro e meu signo é balança. O meu repetido retorno a Minas Gerais (resgate de antigos desconfortos, empréstimo das minhas aprendizagens, riqueza das minhas redescobertas, solidariedade que compensa a solidão, admiração pelas novas gerações, questão de leitura/escrita...) marca por outro lado a falsidade da abrangência do mito dos gerais. Essa facilidade — *capacidade* todos temos depois do avião e do turismo, essa facilidade em oscilar entre o nômade e o sedentário talvez venha do fato de ser neto de estrangeiros. O estrangeiro costuma ter uma visão mais tolerante,

* Jornalista e Mestre em Literaturas de Língua Portuguesa pela PUC Minas.

expressa por um compromisso menos radical com a realidade em que nasce e o criam. Sobretudo se os antepassados estrangeiros desse mineiro eram miseráveis imigrantes italianos em busca de trabalho e comida, e não burgueses em busca da lavagem do passado político nefando e do exílio. O estrangeiro é outro, sem o ser completamente. O estrangeiro gosta de trabalhar os espaços vazios dentro do que lhe é dado como *completo*. Seu ideal é o de incompletamente ser completo. Mencionei o adjetivo *tolerante*. Sei que a *tolerância* é aceita por quase todos como qualidade humana, mas não como virtude intelectual. Permito-me discordar. A tolerância, como virtude intelectual, não pode ser comparada à *cordialidade*, nossa velha e detestada amiga. A tolerância é sempre exigente, seu exercício depende de uma compreensão lúcida da história do homem, suas vitórias, destruições e autodestruições, semelhanças e diversidades culturais. Para a tolerância o mundo foi, é e será sempre plural. Passageira e estrategicamente, ele pode ser unidirecionado. Já a cordialidade, como indica a sua etimologia, vem do coração que, como diziam os antigos, é cego. Olhos virados para o próprio umbigo. A tolerância é vidente.

Outra questão que você levanta é o caso Belo Horizonte. Se no plano da vivência, Belo Horizonte é presença constante na minha vida desde os dez anos de idade, no plano da escrita, tenho sido um amante relapso. Nunca a rescreei com a força como tratei o Rio de Janeiro (*Em liberdade*), Nova Iorque (*Stella Manhattan*), Formiga (*Uma história de família*), Paris e Cidade do México (*Viagem ao México*), para citar alguns exemplos. Penso num projeto em que BH será a estrela maior. Projeto é projeto, leva tempo para ser executado. Pelo menos no meu caso. Está na fila do amadurecimento. Como tudo o que este escritor faz será memorialismo e será ficção.

P.: Sendo um dos fundadores da *Revista Complemento*, o Sr. aspirava a ser um complemento da cena que se desenrolava aqui em Minas Gerais? Qual a influência de *A Revista* e de *Edifício* na sua geração?

R.: Na época escrevi, e agora subscrevo: falta a “Complemento” a incumbência de ser uma geração. Não nos passava pela cabeça (talvez use o *nós* indevidamente, os companheiros de então saberão me perdoar) ser contra, ser combatente, estabelecer programas, divulgar manifestos e angariar apoio desse e de outros estados. Éramos pós-modernos sem saber. Tudo girava em torno da matéria da vida e do aprimoramento da sensibilidade. Gostávamos e não gostávamos. A gente formava um círculo, em torno de uma das mesas da Camponesa ou duma espelunca da praça da Estação, segundo uma disposição (uma disponibilidade) para a amizade com os mais velhos, com os da mesma idade, tomando o conceito de amizade no sentido gideano: “faire un coup ensemble”.

A Revista, publicada nos anos 20, era algo muito distante para nós, perdida na BH do Grande Hotel e do Bar do Ponto. Acabamos sendo a geração do Maleta.

Não se esqueça de que, no mundo belorizental, bibliotecas públicas e arquivos são coisas muito modernas – livros velhos, usávamos os da biblioteca de X ou de Y; livros novos, nós os comprávamos/roubávamos na Oscar Nicolai, cada um construindo a sua pequena biblioteca particular; sebo, só o do Amaral. Voltando **A Revista**, havia sobretudo um resto saboroso dela, algo de concreto como a nossa admiração pela grande poesia de Carlos Drummond, reforçada pela leitura do **Encontro marcado**, de Fernando Sabino. Achávamos o pessoal da **Tendência** legal mas muito literário.

Não se pode esquecer que o nosso ponto de encontro intelectual era o Centro de Estudos Cinematográficos. O clube de cinema era habitado pelos mais diversos grupos, uma espécie de encruzilhada por onde todos passávamos e de onde partíamos em meados da noite. E esse fato nos deixava ecumênicos e afinados com as diversas artes (além do cinema, literatura, teatro, artes plásticas, balé). Preferíamos a dispersão boêmia à concentração livresca. Não gostávamos de nenhum partido político e muito menos dos burgueses mineiros. Fomos marginais *avant la lettre*? Talvez. A especialização de cada um em determinada escrita artística e até mesmo a politização (no sentido partidário da palavra) de cada um pintaram no momento em que acabou a revista e o grupo enquanto tal se dispersava pelas Faculdades da vida.

Pairando acima da nossa inteligência incipiente ficavam quatro figuras mais velhas e extraordinárias, cada uma a seu modo: Jacques do Prado Brandão, Francisco Iglésias, Fritz Teixeira de Salles e João Etienne Filho. Simplificando: o intelectual insuportavelmente *cabeça*, o historiador original com pendores liberais, o comunista simpático e boa-praça e o católico de braços abertos. Etienne era a porta para o jornalismo. Abria-nos as páginas do **Diário católico** com a prodigalidade que muitos irmãos mais velhos não têm. Foi lá e na **Revista de Cinema** que muitos de nós publicamos as nossas primeiras coisas.

- P.: Wander Miranda, no colóquio “Belo Horizonte centenária e seus escritores”, afirma que o denominador comum da **Revista Complemento** era o individualismo de seus participantes, numa atitude tribal de se opor à sociedade de B. H. da época – provinciana e fechada. Qual o objetivo da revista naquele tempo e como a avalia com os olhos do presente?
- R.: A leitura do Wander é correta. Como éramos um *conglomerado*, não há como tentar afirmar que tínhamos um objetivo comum. Os objetivos eram variados e muitos, conflitantes, desgastantes, enriquecedores. Tinha gente na cidade e fora dela de quem a gente não gostava. Havia um desejo consciente/inconsciente de nos definir pela negação, na base do conversei e detestei, não li e não gostei. Definíamos os (possíveis) pares mais pela observação do comportamento do que pela análise das idéias.
- O grupo não tinha a intenção de se ver talhado em madeira de lei (e muito me-

nos em mármore), como os poetas concretos de São Paulo, que nos precederam de alguns poucos anos. Soltavam manifestos uns atrás dos outros e os seguiam cegamente, absurdamente. Estávamos mais para as placas de compensado, de que eram feitos os móveis industrializados e de baixo custo na época de JK. Se éramos ressabiados em relação a intelectuais por demais literários é porque já tínhamos um compromisso definitivo com a indústria cultural. Filmes era a paixão de todos. Diretores e atores de cinema não eram só diretores e atores. Cantores não eram só cantores. Queríamos inventar uma espécie de Sociedade Cultural e pertencer a ela.

Como me pede para ver o grupo com os olhos do presente, direi que, por tudo isso, é muito difícil para mim pensar o que nos unia. Impossível avaliar o grupo. Acabam ressaltando os indivíduos e suas idiossincrasias, nossas belas/duradouras/efêmeras amizades. As poucas obras e seus defeitos e qualidades. Uma definição? Ei-la. Nos anos 60, houve em Belo Horizonte uma inteligência jovem, gratuita e agressiva no ar, que tinha cheiro e valor de estrume. Uma inteligência mineira malcheirosa, bem diferente da inteligência mineira perfumada que, desde os anos 30, costumava ser instrumentalizada nos gabinetes dos prefeitos, governadores e presidentes. Cada um se virou por si. Profissionalizou-se por obra do próprio mérito.

P.: *A sua trajetória intelectual é caracterizada pelo movimento. Na produção literária não se fixou em um só gênero: é poeta, contista, romancista e crítico; além disso possui uma intensa atuação como professor no meio acadêmico. Como crítico, como analisa a obra ampla e diversificada de Silviano Santiago?*

R.: Não dá para responder a essa pergunta. Não existe em mim um professor ou um crítico que tenha voz altaneira. A modéstia não é inimiga da esquizofrenia.

P.: *No início da década de oitenta, quando escreveu o prefácio para uma coletânea de artigos de Brito Broca, o Sr. refletiu também sobre as vantagens e limites da crítica literária na grande imprensa. O que o Sr. pensa da crítica literária brasileira atual?*

R.: Tenho defendido a idéia de que devemos ser exigentes, mas não devemos ser excludentes. Como combinar exigência e não-excludência? Não é fácil.

Por um lado, somos educados, na universidade, para ter um pensamento de elite, uma atuação pública por assim dizer aristocrática. Devemos ser radicais do bom gosto, da tradição ocidental e do cânone. O Brasil não pode continuar a ser o Brasil, é preciso modernizá-lo. Não foi essa a lição que herdamos dos modernistas?

Por outro lado, somos educados na política da vida e do cotidiano, para ter um pensamento voltado para os miseráveis, uma atuação pública por assim dizer populista. Devemos ser radicais do gosto vilipendiado desde a colonização, a favor da recente tradição operária e do dissidente. O Brasil é o que é, e é tudo e é

quase nada, compete a nós dar-lhe uma forma compatível com a miséria dos seus habitantes. O Brasil não pode continuar a ser o país das injustiças, é preciso revolucioná-lo de baixo para cima. Não foi essa a lição dos anos 30?

A questão é complexa. Arrisco-me.

Acredito que o equilíbrio entre forças tão antagônicas possa estar numa noção de texto onde a questão da densidade significativa não é redutível a um dos pólos em conflito. Compete ao intelectual brasileiro (adjetivo com *brasileiro* nem sei por quê) produzir textos com densidade diferenciada. Alta densidade para os exigentes aristocratas do pensamento. Média ou baixa densidade para os que não tiveram a oportunidade de uma boa escolaridade. Em outras palavras: ou textos complexos para livros, ou textos acessíveis para a grande imprensa. O importante é que essas mensagens tenham um sentido enviesado. Maior densidade textual, maior potencialização das questões da nossa indigência intelectual. Menor densidade textual, maior potencialização das questões da nossa riqueza intelectual.

P.: *Resta aos autores pós-modernos, segundo Wander Melo Miranda, a pilhagem e o pastiche ao infinito de estilos os mais variados para que o silêncio seja vencido, para que as histórias possam ser contadas. O que o Sr. considera como narrativa pós-moderna e como a caracteriza?*

R.: A definição do Wander é uma das mais felizes sobre a literatura pós-moderna. Ela tem um pai espiritual, o argentino Jorge Luis Borges, um padrao de renome internacional, o romancista norte-americano John Barth, e um teórico que merece o nosso maior respeito, Fredric Jameson. Por sorte, ainda no Rio, por indicação do Alexandre Eulálio e depois, em meados dos anos 60 na Universidade de Rutgers, por indicação do colega argentino Luis Mario Schneider, li de Borges o que tinha de ser lido. Por sorte, quando estive na Universidade Estadual de Nova Iorque em Buffalo, lecionando literatura francesa, lá estava John Barth, responsável por uma oficina literária (*workshop* – era o nome dado por ele). Frequentei a oficina durante um semestre do início dos anos 70. Por sorte, planando sobre tudo isso, estava a leitura dos textos pós-estruturalistas de Jacques Derrida, a mim apresentados por Eugenio Donato em fins dos anos 60. Por sorte ainda, quando comecei a dar cursos sobre a pós-modernidade, início dos anos 80, os textos teóricos sobre a pós-modernidade propriamente dita que mais me tocaram foram os de Jameson. Enredado nesse círculo vicioso, tendo escrito prematuramente **O olhar** e pretendendo escrever **Em liberdade**, tenho de concordar em gênero, número e grau com a definição dada pelo Wander. Nada como Samuel Beckett: tomai um círculo, acaríciai-o bem e ele se tornará vicioso.

P.: *Parece que o Sr. foi o primeiro mineiro a aventurar-se nos estudos de pós-graduação na França, quando esses cursos ainda não existiam no Brasil. Quais as conseqüências dessa decisão?*

R.: Não, não fui o primeiro mineiro a ir fazer doutorado na França. A informação está incompleta. Antes de mim foram o José Nogueira Starling, o Carlos Maciel da Cunha, o Luis e a Maria Madalena Lanna. Comigo foi a Eunice Dutra Gallery. Lembro-me que, mais tarde, foi a Consuelo Fortes Santiago. Fazíamos todos (com exceção talvez do Starling e do Maciel, que voaram direto para Paris, já que tinham melhor preparo intelectual em virtude do passado seminarista), fazíamos todos parte de um programa de doutorado no estrangeiro financiado pela Capes e o governo francês. Jovens e promissores bacharelados das principais universidades federais eram selecionados na faculdade de origem e enviados ao Rio de Janeiro como bolsistas, onde estudavam durante dois anos com professores franceses na Maison de France. No caso da Eunice e no meu caso, fomos selecionados em 1960 pelo saudoso professor Damien Saunal. Os que se destacavam no curso carioca recebiam uma bolsa do governo francês. O trabalho no Rio equivalia, por assim dizer, a dois anos de mestrado, e o doutorado seria feito em Paris, na Sorbonne. Naquela época, antes de maio de 68, o sistema universitário francês era totalmente centralizado.

Dito isso, acrescento que, no meu caso, as coisas têm de ser analisadas de um ponto de vista restrito e de um ponto de vista amplo.

Do ponto de vista restrito, ou seja, do aprendizado da literatura e da cultura francesas, da convivibilidade com elas, a experiência carioca foi mais importante do que a experiência parisiense. Tive excelentes professores no Rio. Dois sobressaíram pela inteligência, Georges Raillard e Pierre Dufour. O terceiro, Hubert Sarrazin, sobressaiu pela dedicação quase amorosa ao aluno, qualquer que fosse o seu desempenho. Não há como resgatar a dívida que contrái, seguindo cursos de um semestre sobre um só autor, como foi o caso do curso sobre Baudelaire e do outro sobre Valéry. Também segui um excelente curso sobre a produção dos *nouveaux romanciers*, onde pela primeira vez li Roland Barthes.

Ao lado da sede do curso, ou melhor, no andar de cima, havia a biblioteca da Maison de France, competentemente dirigida por Dona Maria, onde encontrávamos todos os livros e todas as revistas. Era um verdadeiro prazer entrar em contato, atualizando-me, com uma cultura estrangeira viva, rica e tão apaixonante. Foi no Rio que aprendi que literatura é uma coisa *orgânica* e vai além do gosto e da leitura individuais. Para isso, foram igualmente importantes as “aulas” que recebi do Alexandre Eulálio, na época funcionário do Instituto Nacional do Livro. Um livro como **O olhar**, escrito no Rio e em Paris, traduz bem o clima em que vivia, um clima já pós-moderno, pois o romance, bastante influenciado pela leitura do **Baudelaire** de Sartre, foi escrito no estilo de Lúcio Cardoso para ser entregue de presente a Clarice Lispector. Foi dessa forma que estabeleci a minha primeira filiação propriamente literária, adentrando-me pelo que mais tarde se tornou pastiche.

Do ponto de vista amplo, Paris foi o desbunde. O navio já foi uma festa. Lá

estavam o Napoleão Muniz Freire e a Elizabeth Gallotti. Tinha pouco ou quase nenhum dinheiro em Paris. Isso tinha pouca ou nenhuma importância. O Serviço de Atendimento ao Bolsista oferecia mil e uma oportunidades a preços ridículos. Bastava procurar os ingressos com antecedência e se inscrever em excursões. Aprendi o que era um museu e o que eram bibliotecas (frequentei um pouco a Biblioteca Nacional e muito o Fundo Jacques Doucet da Biblioteca Santa Genoveva). Eram experiências massacrantes, delirantes e gloriosas. A história da arte ocidental estava a nosso dispor dia e noite, de maneira organizada e racional. Se no Rio tinha ganho uma espécie de individualidade crítica, em Paris era um rosto na multidão. Vi o Piccolo Teatro di Milano, dirigido por Strehler e interpretado por Vittorio Gassman e Valentina Cortese. Ganhei um ingresso para uma pré-estréia e, ao lado, estavam Alain Delon e Anouk Aimée. A peça era interpretada por Pierre Brasseur e Maria Casarès. Fui recebido na sede da revista **Cahiers du Cinéma**. Trabalhei como redator e locutor do programa “Cruzeiro do Sul”, da RTF (na sala ao lado Vargas Llosa fazia o mesmo programa para a América hispânica). Houve as primeiras viagens. Fiz até auto-stop com o saudoso amigo Roberto Ballalai. Descoberta da Alemanha, da Áustria e da Suíça. Procurei ir aos países sobre os quais tinha nenhuma ou pouca informação. Eram museus e mais museus, castelos, culinária diferente e acintosa ao gosto provinciano. O inverno rigoroso, o verão radiante. Saí da Europa pelo sul da França, conhecendo Marselha e Cannes, esticando depois até Mônaco e Gênova. **Plein soleil**, não era este o título do primeiro filme de Alain Delon?

Ao contrário da maioria dos bolsistas, saí de Belo Horizonte para o Rio e, depois, para Paris, sem qualquer vínculo com a então UMG. Acho que fui o único deserddado de todo o grupo mineiro. Isso era motivo de preocupação e acabou sendo razão para uma vida profissional nômade que, de modo algum, trocava pela vida que teria tido se tivesse voltado, naquela época, ao berço. A minha inteligência era possivelmente muito malcheirosa para o velho ambiente universitário mineiro, hoje completamente transformado. Não foi o que julgava Heitor Martins, indicando-me para professor da Universidade do Novo México, em Albuquerque.

P.: *Depois de tantas atividades docentes, de tantos convites para lecionar em Universidades brasileiras e estrangeiras, como se sente com o convite para atuar como professor convidado na Universidade do Texas?*

R.: Pela primeira vez na vida não fui convidado para ser professor visitante. Graças a um programa do Ministério da Cultura com universidades norte-americanas, passei um mês na Universidade do Texas como Escritor em Residência. Gostei. Não sei se realizei a contento as atividades desejadas. É difícil ser eficiente quando se fala uma língua como o português, desconhecida de todos, e se escreve numa literatura que até hoje não conseguiu sequer se aproximar do sucesso da

hispano-americana. O convívio acadêmico é restrito e a espontaneidade gringa rechaça qualquer noção de grandeza. Você tem de inventar interlocutores, conquistá-los no dia a dia, o que acaba nos levando mais para a vida social do que para a vida intelectual. Essas dificuldades foram minimizadas pelo carinho com que o pessoal propriamente de português me recebeu. Entre eles, destaco Larry Graham, do Instituto de Estudos Latino-americanos.